

Bloqueio Criativo¹

Vítor Madureira²

Alexandre Marino Fernandez³

Ricardo Tsutomu Matsuzawa⁴

Thais Saraiva Ramos⁵

Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

RESUMO

“Bloqueio Criativo” é um roteiro de experimentação com mescla de formatos do audiovisual. Utilizando-se conceitos de linguagem de diferentes estilos de documentários, pretende-se desenvolver um docudrama, ou mais corretamente um “falso docudrama”, apresentando um personagem fictício que almeja ser roteirista de cinema mas é impedido por sofrer de um extremo bloqueio criativo. A abordagem é cômica, utilizando-se não apenas de situações de comédia, mas também “brincando” com os maneirismos de produções documentais.

PALAVRAS-CHAVE: audiovisual; comédia; docudrama; linguagem.

1 INTRODUÇÃO

“Bloqueio Criativo” é um roteiro que experimenta com mescla de linguagens e paradigmas para construir um formato diferente. Com base nos estudos de Bill Nichols em seu livro *Introdução ao Documentário*, foram selecionadas características de cada tipo de documentário determinado pelo autor e combinadas para formar uma única obra. Os tipos citados são: expositivo, poético, observacional, interativo, reflexivo e performático.

Assim, utilizando-se desses conceitos, aliado a elementos da ficção, pretende-se desenvolver um docudrama, ou mais corretamente um “falso docudrama”. Docudrama é um formato audiovisual que se situa entre a ficção e o documentário, apresentando de forma dramática a reconstituição de fatos reais. Isso acontece no “Bloqueio Criativo”, mas até certo ponto. A diferença entre um docudrama de fato, e o falso docudrama que aqui se

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Roteiro de não-ficção.

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso Comunicação Social – Habilitação em Radialismo, email: madureira.vitor1@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social – Habilitação em Radialismo, email: alemarino@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social – Habilitação em Radialismo, email: ricardo_matsuzawa@yahoo.com.br.

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social – Habilitação em Radialismo, email: tsaraiva@anhembimorumbi.edu.br.

propõe, é a veracidade dos tais “fatos reais”. Aqui, existe a reconstituição, porém os fatos foram criados. Esse é um outro elemento da experimentação: tratar fatos ficcionais - e de certa forma exagerados - como se fossem reais.

Claro que para isso a abordagem deve ser cômica. Não existe a intenção de desinformar, e sim de explorar os conceitos das produções audiovisuais e brincar com elas, colocando em contraste situações absurdas e o tratamento delas com naturalidade documental.

2 OBJETIVO

O projeto “Bloqueio Criativo” tem como objetivo principal realizar um roteiro não-ficcional de docudrama com personagens fictícios e mesclando paradigmas dos diferentes modos de documentários descritos por Bill Nichols, em *Introdução ao Documentário*.

Dentro disso, mais especificamente, os objetivos são:

- Possibilitar uma produção de baixo custo;
- Ter clareza nas descrições de ações e cenas;
- Criar uma história original, coerente e coesa.
- Provocar risos nos espectadores;

3 JUSTIFICATIVA

O meio audiovisual necessita de renovações e experimentações constantes, e o roteiro "Bloqueio Criativo" justifica-se exatamente nisso: exploração de novos formatos, mesclando paradigmas advindos de linguagens diferentes. Bill Nichols, em seu livro *Introdução ao Documentário*, classifica os documentários de seis modos diferentes: expositivo, poético, observacional, interativo, reflexivo e performático.

O modo expositivo, também chamado como “voz de Deus”, é o que mais identificamos como documentário. Nele, enfatiza-se o comentário verbal e a lógica argumentativa, geralmente usando-se um narrador. Exemplos claros deste modo são os trabalhos feitos por John Grierson, considerado como um dos pioneiros dos documentários.

O modo poético é experimental. Geralmente, afasta-se de uma realidade “objetiva” para capturar uma “verdade” maior que só pode ser atingida por meio de manipulação poética. É subjetivo e tem como característica o foco em associações visuais, qualidades tonais ou rítmicas, passagens descritivas e organização formal, para que dessa forma crie-se

formas de clima, tom e textura. Um exemplo disso é “*Koyaanisqatsi*” (1982), de Godfrey Reggio.

O modo observacional é similar ao expositivo, mas com uma abordagem diferente. Troca-se a “voz de Deus” por uma câmera “mosca na parede”, ou seja, simplesmente neutra e observadora. O documentarista aqui não é importante, mas sim o personagem e os detalhes de sua intimidade, numa tentativa de capturar a realidade objetiva com a maior precisão possível. Já que nada é “apresentado” para a câmera, normalmente deve-se improvisar para acompanhar as ações, muitas vezes dando impressão de gravações amadorísticas. Exemplo: “Hospital” (1970), de Frederick Wiseman.

O modo interativo, ou participativo, opõe-se ao observacional. Aqui, o intuito é apresentar a interação entre o personagem e o documentarista, com este tornando-se parte dos eventos gravados, geralmente em entrevistas. O impacto que o documentarista causa é admitido e muitas vezes, inclusive, é o próprio objetivo do documentário. “*Kurt and Courtney*”, de Nick Broomfield, é um exemplo desse modo.

O modo reflexivo reconhece a natureza de construção de um documentário e abre uma discussão sobre a possibilidade de capturar uma verdade plena. Para isso, os artifícios de produção podem ser expostos, com a audiência ficando ciente da edição, gravação de som, iluminação, entre outros. Um exemplo é “*Man With a Movie Camera*” (1929), de Dziga Vertov.

O modo performático, ou performativo, enfatiza a natureza subjetiva ao redor do engajamento do documentarista frente ao tema apresentado, geralmente focando-se em aspectos afetivos e emocionais, procurando causar impacto nos espectadores. Neste caso, o personagem principal do documentário é o próprio documentarista e sua opinião. Exemplo disso é “*Super Size Me*” (2004), de Morgan Spurlock.

Aplicando o estudo dos modos de documentário apresentados por Bill Nichols, o “Bloqueio Criativo” pode ser classificado como:

- Modo expositivo, por utilizar da “voz de Deus” para apresentar os personagens e situações;
- Modo poético, pela forma em que foi organizado e sua natureza experimental;
- Modo observacional, por, em algumas cenas, utilizar da “mosca na parede” a fim de mostrar, com neutralidade, momentos da vida do personagem;
- Modo interativo, por haver interação do narrador com os personagens;

- Modo reflexivo, por apresentar a história de forma realista, embora fictícia, além de brincar com as técnicas de documentário, como os depoimentos (cabeças falantes);
- Modo performático, por contar a história como se tivesse sido escrita pelo próprio personagem, em uma espécie de “história dentro da história”, ou “filme dentro do filme”.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O surgimento do roteiro veio de uma experiência de bloqueio criativo do próprio roteirista: ao tentar surgir com uma ideia de roteiro, falhou. Decidiu então explorar os sentimentos que experienciou e transformar isso na ideia de roteiro.

A escolha de experimentar com a mescla de linguagens vem dos seguintes pontos: intenção de construir um roteiro de fácil produção e baixo custo; e o gosto pelo formato de falso documentário iniciado por Woody Allen em 1968, com "*Take The Money and Run*" (“Um Assaltante Bem Trapalhão”, no Brasil), ao retratar a vida de um personagem ladrão de bancos fracassado; e explorado por Rob Reiner e Christopher Guest em "*This Is Spinal Tap*" (1984), ao contar a trajetória de uma banda fictícia através de um documentário com estilo expositivo. Outra referência, esta mais recente, é o seriado britânico "*The Office*" (2001), criado por Ricky Gervais e Stephen Merchant, no qual simulam um reality show dentro de um escritório.

A comédia pretendida, assim como nas referências citadas, partem da naturalidade em que os personagens agem entrando em contraste com a absurdidade das falas e situações que ocorrem.

Um dos maiores desafios na construção do roteiro foi aplicar a estética documental na formatação *Master Scenes* de roteiros. Esta é a mais utilizada atualmente, tanto no cinema como na televisão. Esta formatação divide o roteiro por cenas e foca-se, principalmente, em ações e diálogos dos personagens. Um documentário, por definição, não possui cenas e/ou diálogos determinados, e é daí que vem a dificuldade. Seria mais simples usar de improviso dos atores para transpassar uma naturalidade, portanto sem desenvolvimento pleno do roteiro. Porém, no “Bloqueio Criativo” a abordagem é diferente. A ideia é que roteirize-se o máximo possível, ações e falas, inserindo-se até manias e vícios de linguagem com o intuito de representar as atitudes de pessoas “comuns” frente a uma equipe de documentário.

Além disso, faz-se uso de metalinguagem ao retratar um personagem roteirista e este mesmo sendo o próprio roteirista da obra que vemos, em uma espécie de "filme dentro do filme", similar ao já visto em *"Adaptation"* ("Adaptação", 2002) de Spike Jonze. Neste, retrata-se a história de um personagem (baseado no próprio roteirista Charlie Kauffman) que foi incubido de roteirizar uma adaptação de um livro para o cinema. Porém, encontra um bloqueio criativo ao realizar essa tarefa. Para superar esse problema, procura conselhos de outros roteiristas. Ao vermos os conselhos dados (para inserir mais ação; inserir um relacionamento romântico etc) o próprio filme começa a alterar sua trajetória, como se seguisse esses conselhos e apresentasse as situações sugeridas. É aqui que o "Bloqueio Criativo" busca referência: o personagem principal é revelado como o escritor do roteiro que é lido, mesmo ele não sendo uma pessoa real. Assim, forma-se um projeto de três camadas: a "história", embora falsa, do roteirista (personagem); o roteiro, como se tivesse sido escrito por este personagem; e tudo isso escrito por um outro roteirista, agora real: eu.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O projeto "Bloqueio Criativo" é o roteiro de um documentário sobre um personagem ficcional. Este é Juvenal, um homem de 42 anos que sempre sonhou em ser roteirista, mas foi impedido de realizar seu sonho por causa de um bloqueio criativo. Por isso, vive desanimado e cabisbaixo, sofrendo com os sintomas da sua doença.

Nesta história, o bloqueio criativo não é uma simples falta de criatividade; ele afeta fortemente o dia a dia de Juvenal, impedindo-o de realizar atividades simples por não conseguir pensar no que fazer. Indo mais além, não pode nem entrar em contato com coisas criativas, como filmes e livros, pois isso ressalta ainda mais o fato de ele próprio não ser capaz de criar.

Para saber mais de sua vida, são coletados depoimentos de sua mãe, ex-namorada e psicólogo, além de acompanharmos o tratamento psiquiátrico que faz em uma clínica especializada em pacientes com bloqueio criativo, chamada C.H.A.T.O. (Centro Hospitalar de Auxílio e Tratamento de Ociosos).

Essa história, porém, não é feita em um roteiro clássico de ficção. Ela é apresentada em forma de docudrama, ou mais corretamente, um falso docudrama, além de mesclar características de outros estilos.

Aplicando-se os conceitos estudados de Bill Nichols sobre os modos de documentários, foram utilizados paradigmas de cada um deles a fim de criar um novo formato.

Nichols, em *Introdução ao Documentário*, divide as produções documentais em seis: expositiva, poética, observacional, interativa, reflexiva e performática. Pela forma em que foi projetado, “Bloqueio Criativo” pode se encaixar em todas, já que utiliza-se de “voz de Deus” (expositiva); possui natureza experimental (poética); tem momentos de observação neutra dos personagens (observacional); tem momentos de interação narrador-personagem (interativa); brinca com o processo de produção de um documentário (reflexiva); e tem o personagem principal como o próprio documentarista, embora ficcional (performática).

6 CONSIDERAÇÕES

A emoção de fazer um roteiro é difícil de descrever. Desde o momento da concepção da ideia até a transformação dela em palavras no papel, o roteirista fica envolto em adrenalina.

O processo de formação do roteiro “Bloqueio Criativo” foi árduo, principalmente por explorar uma área menos difundida em relação a outras, que é a do falso docudrama, ainda mais com a proposta de experimentação de mescla de estilos. Mas com apoio dos professores orientadores a realização foi possível. Foram feitos vários tratamentos, chegando ao ponto de se realizar dez versões diferentes antes do produto final.

Porém, ao fim da escrita do roteiro, vem outra parte igualmente difícil: a de apresentar seu trabalho para análise dos outros. Um roteirista não deve escrever apenas para si mesmo. Ao receber retorno positivo não só de familiares e colegas, mas também de profissionais da área, a satisfação foi imensa.

Pode-se dizer, também, que o projeto atingiu seus objetivos iniciais e foi capaz de aplicar os conceitos teóricos com sucesso. Foi interessante o desafio de misturar, em uma única obra, os conceitos vindos dos seis tipos diferentes de documentários, como classifica Bill Nichols.

Além disso, acredita-se que o roteiro tem espaço no mercado audiovisual, visto que carrega uma carga de inovação, além de ter custos baixos de produção, características importantes no atual âmbito nacional brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **A linguagem secreta do cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

CHION, Michel. **O roteiro de cinema**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FIELD, Syd. **Exercícios do roteirista**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FIELD, Syd. **Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2007

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.